

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA PRECARIEDADE DO SANEAMENTO BÁSICO EM FAVELAS E COMUNIDADES URBANAS

Jose Moacir de Sousa Vieira ¹

Mário Valério Filho²

Rodolfo Moreda Mendes³

RESUMO

Neste artigo, analisamos as representações sociais associadas à vulnerabilidade socioespacial, com ênfase na precariedade do saneamento básico em favelas e comunidades urbanas com fundamento na Teoria de Serge Moscovici (1978, 2012, 2015). Exploramos como essas representações influenciam as percepções e as práticas cotidianas em contextos de vulnerabilidade socioespacial. A pesquisa combina o método da documentação indireta com o levantamento de dados secundários provenientes de Institutos de Pesquisa e revisão bibliográfica. Foi realizado um estudo de caso na Favela Lagoa Azul 2, em Jacareí/SP, fundamentado na técnica da Análise de Conteúdo, de Bardin (2015), tendo como base a letra de uma música no estilo rap, composta por um morador, que descreve a realidade local. Relacionamos essa produção cultural com a Teoria das Representações Sociais buscando compreender as percepções, interpretações e vivências dos moradores dessa favela.

PALAVRAS-CHAVE: Representações Sociais. Vulnerabilidade Socioespacial. Saneamento Básico. Esgotamento Sanitário. Favelas e Comunidades Urbanas.

SOCIAL REPRESENTATIONS OF BASIC SANITATION PRECARIOUSNESS IN SLUMS AND URBAN COMMUNITIES

ABSTRACT

In this article, we analyze the social representations associated with socio-spatial vulnerability, with an emphasis on the precariousness of basic sanitation in slums and urban communities, based on the Theory developed by Serge Moscovici (1978, 2012, 2015). We explore how these representations influence perceptions and daily practices in contexts of socio-spatial vulnerability. The research combines the method of indirect documentation with the collection of secondary data from research institutes and bibliographic reviews. A case study was conducted in the Lagoa Azul 2 slum, in Jacareí/SP, based on Bardin's (2015) Content Analysis technique, using the lyrics of a rap song composed by a resident that describes the local reality. We relate this cultural production to the Theory of Social Representations to understand the perceptions, interpretations, and experiences of the residents of this slum.

¹Doutorando em Planejamento Urbano e Regional, Universidade do Vale do Paraíba (UNIVAP), jmoacir.sv@gmail.com

²Doutor em Agronomia pela Universidade de São Paulo (USP), professor do Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional da Universidade do Vale do Paraíba (UNIVAP), mvalerio@univap.br

³Doutor em Engenharia Geotécnica pela Universidade de São Paulo (USP), professor do Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional da Universidade do Vale do Paraíba (UNIVAP), rodolfo.mendes@cemaden.gov.br

KEYWORDS: Social Representations. Socio-Spatial Vulnerability. Basic Sanitation. Sanitary Sewage. Slums and Urban Communities.

REPRESENTACIONES SOCIALES DE LA PRECARIEDAD DEL SANEAMIENTO BÁSICO EN FAVELAS Y COMUNIDADES URBANAS

RESÚMEN

En este artículo, analizamos las representaciones sociales asociadas a la vulnerabilidad socioespacial, con énfasis en la precariedad del saneamiento básico en favelas y comunidades urbanas, basándonos en la Teoría desarrollada por Serge Moscovici (1978, 2012, 2015). Exploramos cómo estas representaciones influyen en las percepciones y prácticas cotidianas en contextos de vulnerabilidad socioespacial. La investigación combina el método de documentación indirecta con la recopilación de datos secundarios de Institutos de Investigación y revisión bibliográfica. Se realizó un estudio de caso en la Favela Lagoa Azul 2, en Jacareí/SP, basado en la técnica de Análisis de Contenido de Bardin (2015), tomando como referencia la letra de una canción de rap compuesta por un residente, que describe la realidad local. Relacionamos esta producción cultural con la Teoría de las Representaciones Sociales para comprender las percepciones, interpretaciones y vivencias de los habitantes de esta favela.

PALABRAS-CLAVE: Representaciones Sociales. Vulnerabilidad Socioespacial. Saneamiento Básico. Alcantarillado Sanitario. Favelas y Comunidades Urbanas.

INTRODUÇÃO

A vulnerabilidade socioespacial e a precariedade dos serviços de saneamento básico impactam notadamente as camadas mais fragilizadas da sociedade, especialmente aquelas que residem em favelas e comunidades urbanas, resultando em consequências sociais, psicossociais, na qualidade de vida e bem-estar (Vieira *et al.*, 2024a, 2024b). Essa realidade reflete a desigualdade estrutural presente no Brasil, sobre a qual se refere Villaça (2012, p. 70), dizendo que “a obscena desigualdade que existe na sociedade brasileira se manifesta na enorme segregação que se observa em nossas cidades. Essa segregação cria um ônus excepcional para os mais pobres e uma extrema vantagem para os mais ricos.”

O processo de urbanização desigual e a produção de pobreza, característicos da história brasileira, têm como resultado a expansão acelerada de favelas e comunidades urbanas que apresentam infraestrutura insuficiente, acesso limitado aos serviços públicos essenciais e precariedade habitacional. Nesse contexto, a ausência de saneamento básico reforça a marginalização desses espaços, configurando um cenário de exclusão que dificulta a efetivação de direitos fundamentais, como o acesso universal ao saneamento (Gonçalves, 2016).

A luta pelo direito à cidade está diretamente vinculada às reivindicações por saúde, saneamento básico, educação e cultura, sendo fundamental para a promoção de justiça social.

Os movimentos sociais urbanos contemporâneos têm destacado que a criação de comunidades mais saudáveis e o estabelecimento de formas renovadas de sociabilidade requerem transformações profundas nos espaços urbanos. Nesse contexto, o espaço urbano assume um papel central, configurando-se como um elemento imprescindível para fomentar a igualdade e assegurar condições dignas de vida para todos os cidadãos. “A liberdade de fazer e refazer a nós mesmos e nossas cidades, como pretendo argumentar, é um dos nossos direitos humanos mais preciosos, ainda que um dos mais menosprezados” (Harvey, 2014, p. 28).

Apesar de o saneamento básico ser reconhecido como um direito humano fundamental, conforme a Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU) o legitimou na Resolução nº A/RES/64/292, de 28 de julho de 2010, integrando-o à Declaração Universal dos Direitos Humanos, sua garantia efetiva ainda enfrenta desafios (ONU, 2010). Esse reconhecimento afirma que o acesso a esses serviços é essencial para a plena realização da vida e de outros direitos humanos fundamentais. Portanto, garantir o acesso universal ao saneamento básico constitui uma responsabilidade pública, exigindo que o Estado assegure esses direitos e elimine as barreiras que dificultam seu alcance, promovendo condições dignas de saúde e bem-estar para toda a população (Heller, 2022).

Além disso, o saneamento básico também integra os direitos econômicos, sociais e culturais. Os direitos humanos ao saneamento diferem dos direitos civis e políticos, que geralmente demandam do Estado uma postura de não intervenção (Heller, 2022). No caso dos direitos sociais, como o saneamento básico, sua efetivação não é imediata, pois requer a implementação de políticas públicas concretas que viabilizem sua realização. De acordo com as normas internacionais, esses direitos estão inseridos em processos de realização progressiva, dependendo da organização e dos recursos de cada Estado para garantir seu cumprimento de forma gradual e contínua (Ribeiro, 2015).

A vulnerabilidade socioespacial é um conceito que busca integrar dimensões sociais, ambientais e espaciais, além de incluir os riscos e as ameaças que afetam lugares e grupos de maneira desigual. Essa abordagem emerge como uma resposta à necessidade de articular múltiplas perspectivas sobre os perigos e a capacidade de resposta a ameaças (Cidade, 2013). A vulnerabilidade socioespacial fica evidente em locais onde os fenômenos ambientais e as desigualdades sociais convergem, demandando soluções que considerem a articulação entre diferentes escalas geográficas. Cutter (2003), ao propor o conceito de “ciência da vulnerabilidade”, destaca a importância de analisar os riscos e a resiliência de maneira

articulada com as dinâmicas locais e a suscetibilidade diferencial de pessoas e lugares. A autora salienta que a vulnerabilidade não se limita a exposições físicas ou sociais isoladas, mas se manifesta geograficamente por meio de lugares específicos, como áreas sujeitas a enchentes, inundações e deslizamentos ou próximas a lixões.

Dessa forma, a vulnerabilidade socioespacial evidencia-se não apenas como um conjunto de riscos, mas como um reflexo das desigualdades estruturais que condicionam o acesso desigual a territórios seguros, reforçando a necessidade de estratégias que combinem políticas de planejamento urbano e justiça social (Cidade, 2013). No contexto das favelas e comunidades urbanas, a vulnerabilidade socioespacial ganha relevância ao envolver a relação entre questões ambientais e desigualdades espaciais. Essa perspectiva tem sido amplamente discutida por autores como Milton Santos (2020, p. 144), que destaca: “Vimos, já, que o valor do indivíduo depende do lugar em que está e que, desse modo, a igualdade dos cidadãos supõe, para todos, uma acessibilidade semelhante aos bens e serviços, sem os quais a vida não será vivida com aquele mínimo de dignidade que se impõe.”

De acordo com Moscovici (1978, 2012, 2015), a representação social é um conjunto organizado de conhecimento, uma das atividades psicológicas que possibilitam compreender a realidade física e social, e a capacidade de inserir-se em um grupo ou em uma conexão diária de trocas. Além disso, a representação social pode ser considerada como sistemas interpretativos que moldam as interações com o mundo e com os outros indivíduos. Quando há a ausência de serviços de esgotamento sanitário, as condições precárias de saneamento afetam a vivência diária das pessoas, podendo gerar sofrimento causado pelas precárias condições de moradia e pelo impacto negativo na saúde daqueles que vivem sob essa condição. A vivência em um ambiente desfavorável pode interferir na formação de representações sociais, levando os moradores a perceberem e interpretarem a realidade a partir de uma perspectiva de privação, desigualdade e exclusão social (Nascimento, 2000).

Neste artigo, analisamos as representações sociais associadas à vulnerabilidade socioespacial com ênfase na precariedade do saneamento básico nesses territórios, fundamentando-nos na Teoria das Representações Sociais, de Serge Moscovici (1978, 1981, 1986). Exploramos como essas representações influenciam as percepções, as práticas cotidianas e as demandas por direitos em contextos de vulnerabilidade socioespacial. A análise dessas representações sociais evidencia sua relevância para a compreensão das vivências nesses

territórios e pode contribuir para a formulação de estratégias que promovam melhorias nas condições de saneamento básico, na qualidade de vida e no bem-estar dessas comunidades.

Moscovici (1978, 1981, 1986), que oferece uma abordagem valiosa para compreender a relação entre as representações sociais e o espaço público, destacando sua conexão com a formação e a dinâmica dessas representações. Para a condução do estudo, utilizamos os métodos da documentação indireta com levantamento de dados secundários do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), além de trabalhos acadêmicos e revisão bibliográfica (Marconi; Lakatos, 2021). Complementarmente, realizamos um estudo de caso na Favela Lagoa Azul 2, em Jacareí-SP, empregando o método de análise de conteúdo proposto por Bardin (2015), para interpretar uma música de estilo rap composta por um morador dessa favela, que retrata a realidade local. Essa produção cultural foi analisada em seu conteúdo e relacionada à teoria das representações sociais, com o objetivo de compreender as percepções, interpretações e vivências dos moradores diante da problemática investigada.

Os termos *favelas* e *comunidades urbanas* são adotados neste estudo com base na nova definição do IBGE (2024), que afirma serem as áreas residenciais surgidas a partir de esforços autônomos e coletivos da população. Tais áreas se desenvolvem como resposta à escassez de políticas públicas eficazes e à falta de investimentos privados em habitação, que se reflete na ausência de atendimento às necessidades fundamentais de moradia e na provisão de espaços para comércio, serviços, lazer e cultura, com o objetivo de assegurar o direito à cidade. Essas comunidades simbolizam a desigualdade urbana, com deficiências e omissões tanto das políticas públicas quanto dos investimentos privados em prover infraestrutura adequada, serviços públicos essenciais, equipamentos coletivos e proteção ambiental. Ademais, a incerteza jurídica em relação à posse da terra aumenta a vulnerabilidade dos residentes, comprometendo diretamente o direito à moradia digna e elevando o risco de despejos e remoções forçadas (IBGE, 2024).

Este artigo estrutura-se em cinco seções, além desta Introdução. Na primeira, abordamos a Teoria das Representações Sociais, estabelecendo a base conceitual que orienta a análise. Em seguida, na segunda seção, discutimos o contexto do saneamento básico no Brasil, destacando os desafios enfrentados pelas favelas e comunidades urbanas. A terceira trata da realidade atual do saneamento básico nesses territórios, evidenciando as desigualdades e os impactos da ausência de infraestrutura adequada. Na quarta, apresentamos o estudo de caso da Favela Lagoa

Azul 2, em Jacareí-SP e por fim, realizamos a análise das representações sociais da música *Lagoa Azul 2*, composta por um morador da comunidade.

TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

A Teoria das Representações Sociais aqui referida liga-se ao psicólogo social Serge Moscovici, em 1961, introduziu um novo conceito à psicologia social contemporânea. Desde então, tem sido consolidada como uma abordagem essencial, especialmente no estudo das influências das minorias e da psicologia das massas. Além disso, oferece uma perspectiva valiosa para analisar a relação entre as representações sociais e o espaço público, destacando sua interdependência na formação e dinâmica dessas representações (Jovchelovitch *apud* Guareschi; Jovchelovitch, 2003). O conceito de representação social, de Moscovici (1961), originalmente apresentado na França, foi posteriormente publicado em português, por Moscovici (1978), no Brasil. Esse conceito tem sido amplamente aceito pelos estudiosos do tema e servido como base para a elaboração de diversos estudos científicos.

Dessa forma, as representações sociais concebem a informação ou o conhecimento como um processo dinâmico, constantemente formado e transformado pela interação e comunicação entre os indivíduos. Essa concepção emerge a partir do contexto em que as pessoas estão inseridas, refletindo a relação entre suas experiências de satisfação ou frustração e seus interesses e aspirações. Esses fatores influenciam a forma como o saber é expresso, evidenciando que ele é construído por determinado grupo de indivíduos em condições específicas, orientando-se em direção a um objetivo previamente estabelecido (Bauer; Gaskell, 1999).

A representação social oferece um quadro teórico importante para compreendermos como as pessoas organizam o conhecimento e as atividades mentais para tornarem compreensíveis suas realidades físicas e sociais e nelas agirem. Moscovici (1978) “A representação social é um *corpus* organizado de conhecimentos e uma das atividades psíquicas graças as quais *os homens tornam inteligível a realidade física e social*, inserem-se num grupo ou numa ligação cotidiana de trocas, e liberam os poderes de sua imaginação” (Moscovici, 1978, p. 28 - grifo nosso).

Moscovici (2019) destacou que o ambiente social não se limita apenas à presença de indivíduos e grupos, mas também inclui objetos sociais, que despertam o interesse tanto de pessoas quanto do coletivo. A precariedade do saneamento básico pode ser entendida como um

desses objetos sociais, pois afeta diretamente a vida das comunidades e gera diferentes formas de percepção e debate (Vieira *et al.*, 2024c, 2024d). A interação entre indivíduos, grupos e esse objeto social influencia e transforma tanto as relações sociais quanto as próprias representações que os sujeitos constroem sobre o tema.

Segundo Bertone e Galinkin (2017), Moscovici apresenta as representações sociais como forma particular de conhecimento, que desempenha um papel fundamental na elaboração dos comportamentos e na comunicação entre os indivíduos. Essas representações sociais estão baseadas no pensamento cotidiano, no senso comum, e suas teorias encontram raízes em estudos da Sociologia, Antropologia e Psicologia Construtivista Sócio-histórica e Cultural. Seu conceito implica em um entrelaçamento complexo entre o social e o individual, ressignificando a compreensão das representações de algum objeto, ao situá-las na intersecção dessas duas dimensões. Dessa forma, as representações sociais são entendidas como um sistema simbólico compartilhado, que molda tanto a percepção individual quanto as dinâmicas coletivas de compreensão da realidade (Sá, 1998).

De acordo com Moscovici (2015), as representações presentes na esfera do senso comum podem ser analisadas cientificamente, entendendo que tudo o que percebemos diante do mundo são respostas a estímulos oriundos do ambiente em que vivemos. Eis a importância de avaliarmos corretamente os seres e objetos e compreendermos a realidade de forma completa: as representações sociais são formas de conhecimento presentes em nosso dia a dia, que viabilizam a realização de interações sociais, por meio das quais sentimos a necessidade de dar nome ao que ainda não nos é familiar, acomodando-o em nossa estrutura mental e forma de agir.

Considerando que a realidade é amplamente condicionada pelo que é socialmente aceito como realidade, Moscovici (2015) destaca que as representações sociais não são criadas por um indivíduo isolado. Portanto, é importante buscar, na História, o momento em que essa representação se tornou familiar para um determinado grupo. Existem dois processos de formação das representações sociais: a objetivação e a ancoragem. O processo de *ancoragem* é definido como a transformação de algo estranho e perturbador, que intriga, no sistema particular de categorias, comparando-o a um paradigma de uma categoria que é considerada apropriada. *Ancorar* é o processo de classificar e dar nome a alguma coisa. As coisas que não são classificadas, ou que não possuem nome, são estranhas, não existentes e ameaçadoras. Já na *objetivação*, trata-se de “[...] descobrir a qualidade icônica de uma ideia, ou seja, reproduzir um

conceito em uma imagem. Comparar é já representar, encher o que está naturalmente vazio, com substância.” (Moscovici, 2015, p. 71-72).

Deschamps e Moliner (2009) ressaltam que não há uma separação rígida entre o mundo interno e externo do indivíduo, pois sujeito, objeto e sociedade estão interligados na construção das realidades sociais. A interação entre esses elementos promove mudanças contínuas nas concepções dos grupos, resultando na formação de práticas sociais que, simultaneamente, influenciam e são influenciadas pelo comportamento coletivo. As representações sociais desempenham um papel na mediação dessa interação, pois o saber produzido por um grupo sobre um determinado objeto dá origem às suas representações sociais. Ao mesmo tempo, essas representações influenciam a maneira como o grupo apreende e interpreta a realidade, moldando sua percepção e compreensão (Chamon; Santana, 2021).

A Socióloga francesa Denise Jodelet (1984) também é reconhecida como uma das principais colaboradoras da teoria das representações sociais, uma vez que seus estudos têm ampliado os conceitos trabalhados por Moscovici. Sua Tese de Doutorado, intitulada *Loucura e Representação Social*, foi um marco em sua trajetória, pois alargou o conceito de representação social para enfatizar as dimensões simbólicas e culturais da construção social do conhecimento. Para Jodelet (1984),

O conceito de representação social designa uma forma de conhecimento específico, o saber de senso comum, cujos conteúdos manifestam a operação de processos generativos e funcionais socialmente marcados. Mais largamente, ele designa uma forma de pensamento social. As representações sociais são modalidades de pensamento prático, orientadas em direção a comunicação, à compreensão e ao domínio do ambiente social, material e ideal. (Jodelet, 1984, p. 361).

A psicóloga social Sandra Jovchelovitch (2008), também reconhecida pelo estudo nesse campo do conhecimento, retrata as representações sociais como criações dos atores sociais, capazes de refletir os diálogos entre os mundos internos e externos, entre os indivíduos e suas comunidades. Por serem construções humanas que dependem de contextos sociais, políticos e históricos, as representações sociais nunca conseguem capturar totalmente a realidade, sendo necessário um esforço a fim de distinguir a representação social do objeto em si. A comunidade é vista como uma unidade de análise, um espaço intermediário entre a família e a sociedade.

Jovchelovitch (2008) enfatiza também que a convivência em comunidades somente é possível por meio da coordenação de ações e perspectivas diversas dos indivíduos. Inspirada nos conceitos de Freud, que destaca a importância dos laços de identificação, amor e solidariedade na formação de comunidades, a autora demonstra que as interações entre o *eu* e

o *outro* nem sempre são harmoniosas nesses processos de formação. Tensões surgem desses encontros, já que nem sempre se alcançam consensos e inclusões. As representações sociais estabelecidas no contexto dos espaços públicos podem influenciar a forma como os indivíduos compreendem e interagem com a cidade, associando-se à identificação, à expressão verbal, à socialização e à manifestação de grupos sociais, culturais e políticos (Jovchelovitch, 2000).

Nesse entendimento, importa destacar, ainda, os estudos de Barbosa (2014) acerca dos espaços públicos, os quais analisam um espaço público urbano, como um local privilegiado na cidade, que permite compreender as relações sociais com o ambiente urbano, além de ser um elemento de identificação, que se associa aos lugares e se manifesta por meio de símbolos. O espaço público é descrito como o espaço da expressão verbal, ou seja, o local onde ocorre a socialização, os encontros e a manifestação dos diferentes grupos sociais que representam a população da cidade. Ele é visto mais do que um espaço com uma única função especializada, como um lugar integral da cidade que merece consideração, sendo o local principal para a interação social.

Barbosa (2014) descreve que a história das cidades revela as transformações às quais foram submetidos os espaços públicos ao longo dos séculos e evidencia a interdependência entre cidade, espaço público e sociedade. A cidade está em constante evolução, sendo o resultado de processos históricos que atualizam seu conceito, redesenham o cenário urbano e, conseqüentemente, o espaço público. Portanto, falar sobre cidade significa, intrinsecamente, falar sobre espaço público e sua história. O espaço público engloba o domínio público, o uso social coletivo e a multifuncionalidade, aspectos que refletem um campo complexo, que afeta o comportamento social na vivência desse ambiente (Barbosa, 2014). Portanto, a Teoria das Representações Sociais permite compreender como o espaço público é percebido, interpretado e vivenciado pelos indivíduos e grupos sociais, além de ressaltar a importância dos contextos sociais, históricos e culturais na construção das representações e na interação no ambiente urbano (Jovchelovitch, 2000).

Jovchelovitch (2000) aborda as representações sociais e a esfera pública na construção simbólica dos espaços públicos com muita propriedade, quando analisa as representações sociais construídas sobre a esfera pública na sociedade, com destaque particular para a importância da compreensão das representações que a sociedade articula sobre o político, a fim de entender a dinâmica da política brasileira. Segundo estudo dessa autora as representações sociais que a sociedade forma a respeito da esfera pública são retratadas como corruptas,

fatalistas e regidas pelo privado. Essa perspectiva sugere uma relação complexa entre a esfera pública e privada. A esfera pública é concebida como o espaço onde ocorrem os assuntos de interesse coletivo, as discussões políticas e a tomada de decisões que afetam a sociedade. Já a esfera privada está associada aos interesses individuais e às relações pessoais. Para a autora,

O público e o privado constituem realidades históricas que sociedades diferentes se desenvolveram de modos diferentes. As fronteiras sutis que separam são as mesmas fronteiras que os definem e refletir sobre o espaço público e privado significa acima de tudo refletir sobre a natureza de uma relação. Isso é tão verdadeiro hoje como foi no passado. Ainda que os dois domínios tenham assumido sentidos diferenciados em momentos históricos diferentes, eles sempre foram definidos um em relação ao outro. Assim se de um lado existiu uma variação enorme em relação às questões e modos de vida caracterizados como público e privado, de outro lado, não há registro de qualquer sociedade humana onde o significado da vida pública não se tenha construído pelo significado da esfera privada e vice-versa. (Jovchelovitch, 2000, p. 44-45).

Jovchelovitch (2000) apresenta os pressupostos teóricos da pesquisa, os confronta com os dados obtidos e os critica, observando como as representações sociais da esfera pública influenciam as ações políticas, levando à apatia, ao desinteresse e à falta de participação da população. Para os indivíduos situados em camadas sociais mais baixas, constata-se a existência de uma percepção generalizada de que todos os políticos são corruptos. Já para os representantes do povo, verifica-se a presença de uma ideia de que a população é desinteressada pelo processo político, incapaz de perceber e responder aos abusos, à corrupção e ao personalismo político.

Jovchelovitch (*apud* Guareschi; Jovchelovitch (2003) oferecem uma abordagem teórica, epistemológica e metodológica inovadora no contexto interdisciplinar do estudo sobre a Teoria das Representações Sociais, como podemos ver a seguir:

O fenômeno das representações sociais, e a teoria que se ergue para explicá-lo, diz respeito à construção de saberes sociais e, nessa medida, ele envolve a cognição. O caráter simbólico e imaginativo desses saberes traz à tona as dimensões dos afetos, porque quando sujeitos sociais empenham-se em entender e dar sentido ao mundo, eles também o fazem com emoção, com sentimento e paixão. A construção da significação simbólica é, simultaneamente, um ato de conhecimento e um ato afetivo. Tanto a cognição como os afetos que estão presentes nas representações sociais encontram a sua base na realidade social. (Jovchelovitch *apud* Guareschi; Jovchelovitch, 2003, p. 20).

A Teoria das Representações Sociais refere-se a um campo de conhecimento que se concentra na compreensão dos processos pelos quais as pessoas constroem e compartilham significados sociais, como uma forma particular de conhecimento, que desempenha o papel fundamental na elaboração dos comportamentos e na comunicação entre os indivíduos (Moscovici, 1978).

Edgar Morin (2001) apresenta as representações sociais como uma teoria abrangente, que pode ser aplicada a diferentes campos de estudo voltados ao comportamento humano. No âmbito das ciências sociais, investigar e analisar as representações sociais é importante para compreender as práticas coletivas, o conhecimento construído e as percepções compartilhadas pelos integrantes de um grupo em relação a um determinado tema. Sobre esse aspecto, o autor afirma:

Todo conhecimento constitui, ao mesmo tempo, uma tradução e uma reconstrução, a partir de sinais, signos, símbolos, sob a forma de representações, idéias, teorias, discursos. A organização dos conhecimentos é realizada em função de princípios e regras; comporta operações de ligação (conjunção, inclusão, implicação) e de separação à ligação, da ligação à separação, e, além disso, da análise à síntese, da síntese à análise. Ou seja: o conhecimento comporta, ao mesmo tempo, separação e ligação, análise e síntese. (Morin, 2001, p. 24).

Jodelet (2001, p. 22) define as representações sociais como “uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, com um objetivo prático que contribui para a construção de uma realidade comum a um determinado conjunto social.” Seguindo essa perspectiva, os estudiosos destacam que a disseminação de um fenômeno desconhecido, seja por sua novidade ou por apresentar características renovadas, desencadeia mobilizações, debates, consensos e divergências. Esse processo envolve interações, negociações e disputas, refletindo a necessidade de os grupos sociais se apropriarem do “objeto que pode transformar”. Dessa maneira, a incorporação de novas percepções não apenas gera novas interpretações, mas também dá origem a representações sociais que influenciam a percepção e a construção da realidade coletiva (Sá, 1998). No contexto do saneamento básico, essa teoria permite uma compreensão mais ampla sobre as percepções, crenças e atitudes das comunidades diante da precariedade ou da ampliação desses serviços, influenciando diretamente suas práticas e reivindicações sociais.

REALIDADES DO SANEAMENTO BÁSICO NAS FAVELAS BRASILEIRAS

Entre os Censos de 1980 e 2022, houve um crescimento significativo da população e do número de domicílios em favelas e comunidades urbanas. Nesse intervalo, a quantidade de domicílios aumentou de 490 mil para 6,56 milhões, enquanto a população residente passou de 2,28 milhões para 16,39 milhões. Esse crescimento acentuado está frequentemente associado a conflitos territoriais e a lutas pela permanência dessas comunidades, o que pode influenciar e acentuar o sofrimento dos moradores (IBGE, 2022).

A expansão acelerada do número de favelas e comunidades urbanas evidencia o fracasso histórico das políticas habitacionais em atender à população de baixa renda. Dados do Censo Demográfico mostram que a população residente em favelas passou de 6%, em 2010, para 8,1%, em 2022, totalizando 16,4 milhões de pessoas distribuídas em 12.348 favelas (IBGE, 2022). Esses números podem inferir a necessidade de repensar as estratégias habitacionais e urbanísticas, indicando a urgência de um planejamento urbano e regional que considere as especificidades dessas comunidades, promovendo não apenas a inclusão social, mas também a garantia do direito à cidade e ao bem-estar de seus moradores (Heller, 2022).

Contudo, os desafios enfrentados por essas comunidades vão além das condições materiais precárias, uma vez que lidam com conflitos territoriais intensos, nos quais as lutas pela permanência no território se tornam fundamentais para preservar o direito à cidade e a própria identidade coletiva (Costa, 2018). Esses conflitos intensificam a exclusão socioespacial que afeta o sofrimento dos moradores, o que reflete não apenas a insuficiência de programas como Minha Casa Minha Vida, mas também a manutenção de uma lógica de exclusão que marginaliza a população vulnerável em áreas de risco e sem infraestrutura básica (IBGE, 2022).

Esse cenário evidencia a profunda desigualdade habitacional no país, agravando as condições de vida e perpetuando a segregação socioespacial (Vieira *et al.*, 2024b). Os dados censitários revelam aspectos preocupantes, como o fato de que mais de 72% da população residente em favelas é composta por pessoas negras e pardas, embora esse grupo represente 55,5% da população total, evidenciando a persistência do racismo estrutural. A precariedade da infraestrutura também é notória, com uma disparidade alarmante: há 18,2 estabelecimentos religiosos para cada unidade de saúde (IBGE, 2022). Diante desse quadro, cabe questionar quais realmente são as prioridades definidas pelo poder hegemônico, incluindo o Estado.

Apresentamos os dados do Censo Demográfico sobre os serviços de esgotamento sanitário, cujo cenário evidencia a situação do saneamento básico, revelando preocupantes desigualdades no acesso a esses serviços. Os índices expõem uma realidade injusta e perversa, com uma parcela expressiva da população ainda desprovida de saneamento adequado, com graves deficiências na infraestrutura básica do país (IBGE, 2022). Além disso, é preocupante observar que uma parcela equivalente a 0,60% da população reside em domicílios sem banheiros, sanitários ou buracos para dejeções, totalizando 1,2 milhão de pessoas. Também preocupa o fato de que 24,3% da população enfrenta condições precárias de esgotamento sanitário, não dispondo de coleta de esgotos, o que equivale a 49,0 milhões de pessoas (IBGE,

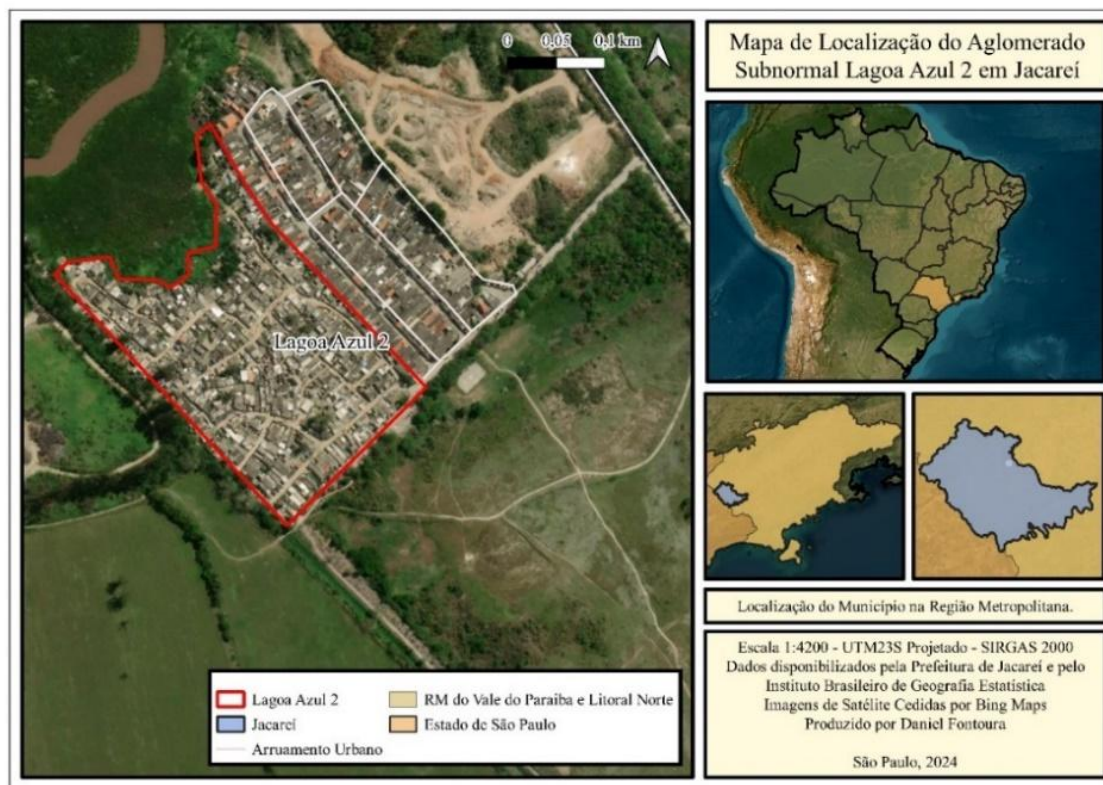
2022). Esses números mostram a ausência de infraestrutura adequada e a persistência de condições de vida precárias de milhões de brasileiros, tornando exposta uma falha grave nas políticas públicas de saneamento, que os deixa à mercê do acesso aos serviços e, inclusive, com sofrimento psíquico causado por essa situação adversa e indigna (Vieira *et al.*, 2024a, 2024b).

VULNERABILIDADE SOCIOESPACIAL NA FAVELA LAGOA AZUL 2

Atualmente, em Jacareí, há 44 núcleos informais consolidados, monitorados e aptos para a regularização, dos quais 17 estão qualificados para a aplicação de regularização fundiária de interesse social, sendo o Lagoa Azul 2 um deles. Os outros 27 são elegíveis para a regularização fundiária de interesse específico, que diz respeito à situação em que a lei permite a regularização de áreas ocupadas, principalmente por populações com renda e condições sociais melhores do que aquelas consideradas de baixa renda (Abdo, 2023). Entre os núcleos informais mapeados de acordo com os critérios do governo municipal, 10 foram classificados pelo IBGE (2022, 2024) como favelas e comunidades urbanas, incluindo a Favela Lagoa Azul 2.

A favela Lagoa Azul 2 está situada no Distrito do Parque Meia Lua, ao Norte do município de Jacareí (Fig. 1). Sua origem ocorreu em 2016 e, rapidamente, o local atraiu moradores, incluindo aqueles que aguardavam a oportunidade de obter suas residências por meio de um programa de habitação popular local. Trata-se de um espaço abandonado, de propriedade privada, anteriormente usado para a extração de areia. A composição do solo é variada, com a parte superior do assentamento sendo predominantemente argilosa, e a parte inferior, um pouco mais arenosa e menos estável. A área foi abandonada pela empresa extratora e, conseqüentemente, sofreu degradação ambiental, sem qualquer esforço de recuperação (Souza; Gomes, 2019).

Figura 01: Mapa da localização da favela Lagoa Azul 2



Fonte: Vieira *et al.* (2024c).

As famílias que ocupam esse espaço tiveram que se instalar e se organizar por conta própria, dadas as circunstâncias adversas já apresentadas. No que diz respeito ao tratamento do esgoto doméstico, muitas delas optaram por usar fossas negras rudimentares em suas casas. No entanto, é importante mencionar que nem todas as famílias possuem esse tipo de fossa, o que faz com que muitas delas acabem lançando seu esgoto diretamente no córrego que atravessa a comunidade, agravando os problemas ambientais e de saneamento na área (Souza; Gomes, 2019). Os moradores utilizam a água potável proveniente da rede de abastecimento por meio de ligações informais. Algumas moradias estão equipadas com caixas d'água, entretanto, os moradores que não dispõem desse recurso relatam dificuldades no suprimento de água de boa qualidade. Isso ocorre devido à grande quantidade de famílias que compartilham a mesma conexão de abastecimento (Souza, 2019).

Os moradores utilizam uma lixeira comunitária próxima à entrada do bairro para descartar seus resíduos sólidos, devido às suas ruas estreitas, que não permitem o acesso ao caminhão coletor de lixo. O descarte inadequado de lixo é um problema recorrente, com resíduos espalhados nas proximidades da lixeira. Relatos de moradores indicam que, durante a coleta, as sacolas se rompem, os cães rasgam o lixo e o serviço de limpeza urbana é deficiente.

Além disso, ao longo do córrego, há uma grande quantidade de detritos, incluindo plásticos que, após a chuva, podem entrar no córrego, servindo como criadouros de insetos e causando impactos ambientais adversos (Souza, 2019). Como resultado, as ruas da favela Lagoa Azul 2 frequentemente ficam inundadas, um problema exacerbado pelas mudanças climáticas, que intensificam eventos extremos de chuva. Essa situação dificulta a mobilidade dos moradores e agrava ainda mais as condições sanitárias da comunidade, conforme ilustrado na Figura 2 (Villanova; Toniolo; Puga, 2024).

Figura 02: Condições de precariedade da favela Lagoa Azul 2



Fonte: Acervo do repórter fotográfico Lucas Lacaz Ruiz (2024).

ANÁLISE DA LETRA DA MÚSICA *LAGOA AZUL 2*

Empregamos a Análise de Conteúdo, de Bardin (2015), para interpretar a letra da música *Lagoa Azul 2*. Composta e interpretada por Thiago Shino, morador da comunidade, essa produção cultural expressa sua percepção individual (sujeito) sobre a realidade da favela, ao mesmo tempo em que reflete e dialoga com as experiências coletivas da população local (grupo) diante da precariedade do saneamento básico e da vulnerabilidade urbana (objeto) (Vala; Monteiro, 2000). Essa análise permitiu identificar os significados e símbolos presentes na música, articulando-os com a Teoria das Representações Sociais, de Moscovici (1978, 2012, 2015), para compreender como essas representações emergem, são compartilhadas e

ressignificadas dentro da favela Lagoa Azul 2, conforme sequência técnica do Quadro 1, a seguir.

Quadro 01: Sequência técnica da Análise de Conteúdo

PRÉ-ANÁLISE	EXPLORAÇÃO DO MATERIAL	TRATAMENTO DOS RESULTADOS
Leitura exploratória Escolha da música Formulação de objetivos de análise	Criação das categorias	Interpretação dos resultados

Fonte: elaborado pelos autores com base em Bardin (2015).

Bardin (2015) destaca a relevância de uma abordagem crítica na Análise de Conteúdo, posicionando-a como parte relevante de pesquisas qualitativas. Seu papel reside em possibilitar uma investigação detalhada e imparcial, que vá além das palavras para compreender os significados subjacentes. Esse método é definido como um conjunto de procedimentos sistemáticos destinados a descobrir novas percepções e interpretações a partir do material analisado (Tabela 1). A Análise de Conteúdo é considerada uma técnica de pesquisa suscetível a várias interpretações, envolvendo temas de natureza subjetiva, muitas vezes dependendo da perspectiva, do interesse e das motivações do analista.

Tabela 01: Definição das categorias para a Análise de Conteúdo

Cód.	Categorias	Ocorrência dos versos
V	Versos da música estilo “Lagoa Azul 2”	50
*	Versos selecionados para a análise	6

Fonte: elaborado pelos autores com base em Bardin (2015).

Na fase de Tratamento dos Resultados, buscamos interpretar os dados, destacando as representações sociais expressas na música *Lagoa Azul 2*, possibilitando uma abordagem crítica da realidade local (Bardin, 2015). Essa análise não apenas contribuiu para uma compreensão das representações sociais do objeto, mas também evidenciou como esses discursos refletem desigualdades estruturais e influenciam o sentimento de pertencimento e resistência da população local (Vala; Monteiro, 2000).

A Análise de Conteúdo da letra da música *Lagoa Azul 2* foi estruturada com base em duas categorias, permitindo uma interpretação das representações sociais. Foram identificados 50 versos, dos quais 6 foram selecionados para análise, considerando sua relevância na

construção das narrativas sobre a precariedade do saneamento básico e a vulnerabilidade socioespacial (Bardin, 2015). Eis a letra da música:

Lagoa Azul 2

Ae, nossa quebrada, tio (V. 1)
Pega a visão (V. 2)
Licença aqui meu parça (V. 3)
Te apresento minha favela, ruas de terra (V. 4)
E os curtos na rede elétrica (V. 5)
O caráter é a luz que vale, mesmo a luz de vela (V. 6)
*Um banho de caneca é um apocalipse pra esses nutella (V. 7)**
Enquanto cês desperdiçam sucrilhos, nós vivemo a sequela (V. 8)
*Me apaixonei pela quebrada, amor pela favela (V. 9)**
Acolhido nobremente por cada alma singela (V. 10)
Trabalhadores com garra sobrevivendo a guerra (V. 11)
Mesmo com os dramas é meu recanto, requinte nos maderites (V. 12)
Sou semente regada, a goteira nos brasilites (V. 13)
O caminho é estreito, igual as ruas dos setores (V. 14)
Sobreviventes superando os dias maus e as dores (V. 15)
Como sempre, o trampo tá osso (V. 16)
Mas nós não se rende ao ócio (V. 17)
Alguns capinam um lote, outros do crime viram sócio (V. 18)
E os que anseiam meu mal dão tapinha nas costas (V. 19)
*Seu elogio vale tanto quanto dejetos na fossa (V. 20)**
Tenho uma coleção de guizos, busquei mistura no rio (V. 21)
Lagoa Azul 2, muita treta pra Barry Gaus (V. 22)
E as tiazinha prendada que as tábuas do barraco até brilha (V. 23)
*Cê vê que pobreza e porquice são coisas distintas (V. 24)**
*E o tiozão enfartou ontem no barraco a noite fria (V. 25)**
O rabecão veio buscar no fim da tarde do outro dia (V. 26)
Respeito é respeito, seja a quebrada que for (V. 27)
Já vi malandrão intimidando os moradô (V. 28)
É fácil peitar mulher, pagar de justiceiro (V. 29)
Afrontar os pai de família que sai pra labuta cedo (V. 30)
Meu respeito aos heróis que tem a marmita sem mistura (V. 31)
Já vendeu latinha e papelão, mas nunca vendeu a postura (V. 32)
A quebrada é altas e baixos, eufóricos, melancólicos (V. 33)
Já vi troféus e diplomas, já vi um corpo no córrego (V. 34)
Realidade é cruel, hilária a cena corriqueira (V. 35)
Ver os animais devastando lá a nossa lixeira (V. 36)
Cachorro, pato, ganso, galinha, cavalo, bode fazendo bééé (V. 37)
Deram fuga da arca e ninguém acha esse Noé (V. 38)
Pro talarico xii, é fatality (V. 39)
A mentira se decompõe com o tempo, igual cercados de pallets (V. 40)
Sempre surge um iscarotes distribuindo ósculos (V. 41)
Tava fechado com nós, do nada ficou claustrofóbico (V. 42)
*Negativista reclama até dos progresso que nós conseguiu (V. 43)**
Pensamento mais podre que os pontaletes que segura os fio (V. 44)
Salve comunidade, salve os de olhar sincero (V. 45)
A definição de vida vai além dos seus castelos (V. 46)
Na base do respeito que sabota propôs, Jacacity L G A 2 (V. 47)
Salve comunidade, salve os de olhar sincero (V. 48)
A definição de vida vai além dos seus castelos (V. 49)
Na base do respeito que sabota propôs (V. 50)

ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE A PRECARIEDADE

A análise das representações sociais da precariedade do saneamento básico na favela Lagoa Azul 2 contribui para a compreensão de como os moradores percebem, interpretam e ressignificam sua realidade de vulnerabilidade socioespacial, considerando as condições estruturais limitadas e a ausência de políticas públicas voltadas ao saneamento básico. Conforme destacado por Moscovici (1978), as representações sociais são construções coletivas que emergem da interação social e moldam a percepção dos indivíduos sobre a realidade. No caso específico da favela Lagoa Azul 2, a precariedade dos serviços de saneamento básico se torna um elemento central na formação dessas representações. A partir da análise de conteúdo da música *Lagoa Azul 2*, buscamos compreender as representações sociais da precariedade do saneamento básico na favela a partir de três eixos de análise, a seguir descritos.

A precariedade da infraestrutura e seus impactos na saúde e no cotidiano

A falta de saneamento básico adequado está diretamente associada à vulnerabilidade socioespacial e às dificuldades enfrentadas pelos moradores da favela. A ausência de uma rede de esgoto e a utilização de fossas rudimentares e ligações informais de água agravam a exposição da comunidade a doenças de veiculação hídrica, como diarreias, infecções gastrointestinais e leptospirose (Heller, 2022). Esse cenário é descrito na música em versos que retratam as dificuldades do dia a dia, no verso 7, *um banho de caneca é um apocalipse pra esses Nutella*, que deixa claro a escassez de água e a necessidade de adaptação a uma realidade de privação.

Essa experiência cotidiana impacta diretamente a construção das representações reforçando o sentimento de exclusão e negligência por parte do poder público. Segundo Nascimento (2000), a vivência em um ambiente desfavorável leva os moradores a internalizarem uma percepção de desigualdade e injustiça, consolidando uma identidade coletiva marcada pela resistência. Para Santos (2010), a experiência da escassez poderá levar a uma reinterpretação da situação, conduzindo os sujeitos a ressignificarem sua realidade, seja pela reconstrução das dificuldades enfrentadas, seja pelo fortalecimento da mobilização comunitária na busca por direitos.

Além disso, o impacto da precariedade fica evidente no verso 25, *O tiozão enfartou ontem no barraco a noite fria*, o que sugere uma relação entre as condições insalubres e a deterioração da saúde dos moradores, o que reflete a falta de acesso a serviços básicos que garantiriam um ambiente mais saudável. Essa realidade demonstra que a vulnerabilidade

socioespacial não se restringe à ausência de infraestrutura, mas afeta diretamente o bem-estar físico e psicológico da população, conforme apontado por Moscovici (1978). Portanto, a ausência de saneamento adequado, ao se tornar parte do cotidiano dos moradores, é incorporada às suas representações sociais, influenciando a percepção sobre saúde e desigualdade (Jodelet, 2001). Dessa maneira, a precariedade transcende uma questão meramente técnica e se insere na dinâmica da exclusão social, reforçando os processos de marginalização que dificultam a superação das desigualdades estruturais (Sá, 1998).

A resiliência e os laços comunitários como formas de resistência

Apesar das adversidades, a Favela Lagoa Azul 2 se caracteriza por um forte senso de pertencimento e solidariedade entre seus moradores. A música destaca a importância dos laços comunitários como estratégia de superação das dificuldades, conforme observado no verso 9: *Me apaixonei pela quebrada, amor pela favela*, evidenciando a valorização do território, mesmo diante das dificuldades estruturais. Essa valorização do espaço e da coletividade reforça a ideia de que as representações sociais não são apenas reflexos da realidade, mas também instrumentos de resiliência e de transformação social (Moscovici, 1978). Para Jodelet (1984), as representações sociais são construídas por meio da interação entre indivíduos e grupos, permitindo que os sujeitos desenvolvam estratégias para enfrentar as adversidades e ressignifiquem suas experiências a partir do senso de coletividade e pertencimento.

Outro exemplo dessa dinâmica é a referência à dignidade dos moradores em meio à precariedade, expressa no verso 24, *Cê vê que pobreza e porquice são coisas distintas*, o que sugere a necessidade de desconstruir estereótipos que associam a pobreza à falta de higiene ou ao descaso pessoal, destacando que as condições precárias de moradia e saneamento não são escolhas individuais, mas reflexos de desigualdades estruturais (Harvey, 2014).

Dessa forma, a ausência de infraestrutura adequada deve ser compreendida como um problema sistêmico e não como uma falha dos indivíduos, reafirmando a importância da luta por direitos fundamentais, como o acesso universal ao saneamento básico (ONU, 2010). Jovchelovitch (2000) afirma que as representações sociais são influenciadas pelas dinâmicas sociais e históricas, moldando não apenas a percepção dos indivíduos sobre sua realidade, mas também suas reivindicações e formas de resistência contra a exclusão socioespacial.

Crítica à desigualdade e ao descaso do poder público

As representações sociais da precariedade do saneamento básico, na Favela Lagoa Azul 2, são construídas pela interação entre o sujeito (Thiago Shino, como voz que expressa as

vivências locais), o objeto (a vulnerabilidade socioespacial e a precariedade do saneamento básico) e o grupo (os moradores da favela que compartilham essa realidade e a ressignificam coletivamente) (Moscovici, 1978, 2015). A música funciona como um meio de construção e disseminação dessas representações sociais, consolidando a indignação coletiva diante da exclusão urbana. No verso 43, *negativista reclama até dos progresso que nós conseguiu*, fica evidente como os avanços conquistados pela própria comunidade são frequentemente desvalorizados ou invisibilizados pelo poder público e pela sociedade. Esse tipo de representação social reforça o sentimento de abandono estatal e a percepção de que a desigualdade socioespacial é mantida intencionalmente por estruturas de poder que perpetuam a marginalização das favelas (Harvey, 2014).

Além disso, a metáfora presente no verso 20, *Seu elogio vale tanto quanto dejetos na fossa*, simboliza a ausência de investimentos públicos e a negligência governamental com o saneamento básico, evidenciando como a falta de infraestrutura é interpretada não apenas como uma carência técnica, mas como um marcador de exclusão social. Segundo Santos (2020), o espaço urbano reflete as desigualdades estruturais da sociedade, e a falta de acesso a serviços básicos, como água tratada e esgoto adequado, não apenas compromete a qualidade de vida da população, mas também reforça a hierarquização dos territórios urbanos. Nesse contexto, o sujeito (Shino) transforma sua experiência individual em uma denúncia coletiva, articulando os sentimentos do grupo e consolidando uma narrativa de resistência (Jovchelovitch, 2008).

Para Moscovici (2015), as representações sociais emergem da interação entre conhecimento e realidade e moldam tanto a percepção dos indivíduos quanto suas práticas de mobilização. A letra da música denuncia a precariedade do saneamento e amplia a compreensão dos moradores sobre a desigualdade, além de incentivar a construção de um discurso de reivindicação e pertencimento. Segundo Villaça (2012), a segregação urbana no Brasil não ocorre de forma aleatória, mas é resultado de políticas históricas que perpetuam o acesso desigual a serviços essenciais. A precariedade do saneamento básico na Favela Lagoa Azul 2 não é percebida apenas como uma condição adversa, mas como um símbolo da injustiça estrutural que define a experiência dos moradores. Nascimento (2000) aponta que essa vivência cotidiana reforça a identidade coletiva da comunidade, marcada tanto pelo sofrimento quanto pela resiliência.

A ressignificação da realidade, por meio das representações sociais, reforça tanto o sofrimento coletivo quanto a capacidade de organização e luta, da comunidade, por melhorias.

Compreender essas representações é essencial para o desenvolvimento de políticas públicas mais sensíveis às necessidades locais, garantindo que o direito ao saneamento seja efetivado como um direito fundamental e não como um privilégio restrito a determinadas parcelas da sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das representações sociais sobre a precariedade do saneamento básico na Favela Lagoa Azul 2 revela que essa problemática transcende a simples ausência de infraestrutura, tornando-se um elemento estruturante das desigualdades socioespaciais. A relação entre saneamento e identidade comunitária é evidente, pois as percepções coletivas são moldadas tanto pela exclusão social quanto pela resiliência dos moradores. A análise da letra da música *Lagoa Azul 2* ilustra como esses discursos são ressignificados na cultura local, reforçando tanto o sentimento de pertencimento quanto a crítica à negligência do poder público.

Conforme apresentado, as representações sociais são construções coletivas que emergem da interação social e moldam a percepção dos indivíduos sobre a realidade. No caso das favelas, a ausência de esgotamento sanitário adequado, o abastecimento irregular de água e a gestão precária de resíduos sólidos tornam-se elementos estruturantes dessas representações. Portanto, a precariedade do saneamento não é apenas uma carência material, mas um reflexo das desigualdades socioespaciais que condicionam a vida dos moradores.

Além disso, a resiliência comunitária se manifesta na valorização dos laços sociais e nas estratégias de superação, demonstrando que, mesmo em meio a adversidades, há um esforço contínuo para resistir e reivindicar melhorias. Como enfatizado, as representações sociais não apenas refletem a realidade, mas também desempenham um papel ativo em sua transformação, impulsionando demandas por direitos e melhores condições de vida.

A compreensão dessas representações pode contribuir para a formulação de políticas públicas mais sensíveis às percepções e necessidades da população vulnerável. O reconhecimento do saneamento básico como um direito humano essencial deve se traduzir em ações concretas que garantam infraestrutura adequada e redução das desigualdades estruturais. No entanto, para que essas mudanças sejam efetivas, é necessário um compromisso contínuo do Estado e da sociedade civil na implementação de políticas que não apenas expandam o acesso ao saneamento, mas também promovam uma distribuição equitativa dos recursos urbanos, evitando que essas comunidades permaneçam à margem do desenvolvimento urbano.

Para pesquisas futuras, sugerimos a ampliação do estudo para outras comunidades, utilizando metodologias mistas que integrem análises qualitativas e quantitativas. Além disso, investigações comparativas e estudos sobre a relação entre representações sociais e políticas públicas podem contribuir para um entendimento mais amplo da problemática. Diante da complexidade das representações sociais associadas à precariedade do saneamento, reconhecemos que sua transformação exige um processo contínuo e coletivo. Embora enraizadas no imaginário social, essas representações não são imutáveis. Assim, reafirmamos o papel fundamental de cada indivíduo e da sociedade na desconstrução de estigmas e na promoção de novas formas de compreender a realidade dessas comunidades.

Como agentes propagadores de representações, nossas práticas cotidianas e discursos podem contribuir para mudanças, fortalecendo políticas públicas inclusivas e assegurando que o direito ao saneamento básico e à dignidade humana seja efetivado. Afinal, transformar representações sociais significa impactar a qualidade de vida, a saúde mental e a justiça social, promovendo uma sociedade mais equitativa e comprometida com a redução das desigualdades.

A relevância deste estudo também se estende para o campo acadêmico, reforçando a importância das representações sociais na análise das condições de vida em territórios vulneráveis. A articulação entre teoria e realidade concreta possibilita um olhar mais aprofundado sobre os impactos psicossociais da exclusão urbana e as estratégias de resistência desenvolvidas por essas populações. Assim, espera-se que as reflexões aqui apresentadas possam contribuir não apenas para a produção científica, mas também para a conscientização social e a formulação de estratégias eficazes para enfrentar as desigualdades socioespaciais que marcam o cenário urbano brasileiro.

A representação social consiste em um conjunto de conhecimentos organizados que têm o poder de permitir que o ser humano compreenda a realidade física e social e possibilite sua inserção em grupos mediante múltiplas trocas e liberações da imaginação. Seria magnífico se a comunidade da favela Lagoa Azul 2, em Jacareí, pudesse compreender a realidade com uma qualidade de vida ótima, na qual os serviços de saneamento básico se tornassem integrais. Que as mentes sejam como espaços a serem bem vividos, onde o conhecimento floresça e as representações sociais ganhem vida, como elementos cognitivos que se propaguem e contribuam para a construção de uma realidade de bem-estar comum a todos.

REFERÊNCIAS

- ABDO, C. F. A. **Ordenamento do solo e os desafios na aplicabilidade da lei de regularização fundiária**: Legislação Urbanística e seus Reflexos no Município de Jacareí - SP. 2023. 120 f. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) - Universidade do Vale do Paraíba, Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento, São José dos Campos, 2023.
- BARBOSA, M. L. T. M. **Espaço público urbano, em constante transformação**: um estudo sobre os discursos teóricos e a prática do espaço público contemporâneo. 2014. Dissertação (Mestrado em Planejamento e Projeto Urbano) – Departamento de Engenharia Civil, Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, Porto, Portugal, 2014.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. 4. ed. Lisboa: Edições 70, 2015.
- BERTONI, L. M.; GALINKIN, A. L. **Teoria e métodos em representações sociais**. Notas teórico-metodológicas de pesquisas em educação: concepções e trajetórias. Ilhéus: EDITUS, 2017, p. 101-122. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/yjxdq/pdf/mororo-9788574554938-05.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2023.
- BAUER, M.; GASKELL, G. *Towards a paradigm for Research on Social Representations. Journal for the Theory of Social Behaviour*, v. 29, n. 2, p. 163-186, 1999.
- CHAMON, E. M.; SANTANA, L. M. Representação social, ciência e educação no século XXI: para onde vamos. In: Roso, A. **Mundos sem fronteiras**: representações sociais e práticas psicossociais. Porto Alegre: ABRAPSO, 2021.
- CIDADE, L. C. F. Urbanização, ambiente, risco e vulnerabilidade: em busca de uma construção interdisciplinar. **Cadernos Metrôpole**, v. 15, n. 29, p. 171-191, 2013.
- COSTA, M. I. S.; IANNI, A. M. Z. **Individualização, cidadania e inclusão na sociedade contemporânea**: uma análise teórica. São Paulo: Editora UFABC, 2018.
- CUTTER, S. L. A vulnerabilidade da ciência e a ciência da vulnerabilidade. *Annals of the Association of American Geographers*, v. 93, n. 1, p. 1-12, 2003. DOI: 10.1111/1467-8306.93101.
- DESCHAMPS, J-C.; MOLINER, P. **A identidade em psicologia social**: dos processos identitários às representações sociais. Petrópolis: Vozes, 2009.
- GONÇALVES, R. S. **Favelas do Rio de Janeiro**: história e direito. Pallas Editora, 2016.
- GUARESCHI, P. A.; JOVCHELOVICH, S. **Textos em Representações Sociais**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.
- HARVEY, D. **Cidades Rebeldes**: do Direito à Cidade à Revolução Urbana. São Paulo: Martins Fontes, 2014.
- HELLER, L. **Os direitos humanos à água e ao saneamento**. Rio de Janeiro. Editora FIOCRUZ, 2022. BGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo 2022**. Disponível

em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/39237-censo-2022-rede-de-esgoto-alcanca-62-5-da-populacao-mas-desigualdades-regionais-e-por-cor-e-raca-persistem>. Acesso em: 11 mar. 2024.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Coordenação de Geografia: Favelas e Comunidades Urbanas: 2024: notas metodológicas n. 01: sobre a mudança de aglomerados subnormais para favelas e comunidades urbanas; Favelas e Comunidades Urbanas: notas metodológicas; Notas metodológicas n. 01 Aglomerados Subnormais: resultados preliminares, base gráfica e tabular.** Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv102062.pdf>. Acesso em: 11 mar. 2024.

JODELET, D. *Représentation sociale: phénomènes, concept et théorie*. In: MOSCOVICI, S. (Ed.). *Psychologie sociale*. Paris: Presses Universitaires de France, 1984.

JODELET, D. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, D. (Org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p. 17-44.

JOVCHELOVITCH, S. **Representações sociais e esfera pública: a construção simbólica dos espaços públicos no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2000.

JOVCHELOVITCH, S. Vivendo a vida com os outros: intersubjetividade, espaço público e representações sociais. In: GUARESCHI, P. A.; JOVCHELOVITCH, S. (Orgs.). **Textos em Representações Sociais**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 63-85.

JOVCHELOVITCH, S. **Os contextos do saber: representações, comunidade e cultura**. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 2021.

MORIN, E. **O método: as ideias: habitat, vida, costumes, organização**. Porto Alegre: Sulina. 2001.

MOSCOVICI, S. *La psychanalyse, son image et son public: psychoanalysis, its image and its public*. Paris: Presses Universitaires de France, 1961.

MOSCOVICI, S. **A Representação Social da Psicanálise**. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

MOSCOVICI, S. **A psicanálise, sua imagem e seu público**. Petrópolis: Vozes, 2012.

MOSCOVICI, S. **Representações Sociais: investigações em Psicologia Social**. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

MOSCOVICI, S. *La psychologie des représentations sociales*. In: KALAMPALIKIS, N. (Ed.). *Serge Moscovici: psychologie des représentations sociales. Textes rares et inédits*. Paris: Editions des Archives Contemporaines, 2019, p. 1-7.

MOSCOVICI, S. *L'ère des représentations sociales*. In: DOISE, W.; PALMONARI, G. (Eds.). *L'étude des représentations sociales*. Neuchâtel: Delachaux et Niestlé, 1986. p. 34-80.

MOSCOVICI, S. *On social representation*. In: FORGAS, J. P. (Ed.). *Social cognition: perspectives on everyday understanding*. London: Academic Press, 1981. p. 181-209.

NASCIMENTO, E. P. do. Dos excluídos necessários aos excluídos desnecessários. In: BURSZTYN, Marcel (Org.). **No meio da rua**: nômades, excluídos e viradores. Rio de Janeiro: Garamond, 2000.

ONU - ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **O Direito Humano à água e ao saneamento**. 2010. Disponível em: https://www.un.org/waterforlifedecade/pdf/human_right_to_water_and_sanitation_media_brief_por.pdf. Acesso em: 24 jul. 2024.

RIBEIRO, W. A. O saneamento básico como um direito social. **RDPE - Revista de Direito Público da Economia**, Belo Horizonte, ano 13, n. 52, p. 229-251, out./dez. 2015.

SÁ, C. P. **A construção do objeto de pesquisa em representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

SANTOS, M. **O espaço do cidadão**. São Paulo: Edusp, 2020.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**. Record, 2010.

SHINO, T. *Lagoa Azul 2* [música]. Interpretação: Thiago Shino. **TV Câmara São José dos Campos**, 5 maio 2023. Disponível em: <https://camarasjc.sp.gov.br/tv-camara>. Acesso em: 1 jan. 2025.

SOUZA, L. M. de; GOMES, C. Lugar de conflito e força na comunidade periurbana Lagoa Azul 2. **Revista Extraprensa**, v. 12, p. 558-573, 2019.

SOUZA, L. M. de. **Saneamento Básico em Assentamentos Precários**: um desafio à Universalização dos Serviços. Discussão a partir do caso da Comunidade Lagoa Azul 2 (Jacareí-SP). 2019. 137 f. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento, Universidade Vale do Paraíba, São José dos Campos, 2019.

VALA, J.; MONTEIRO, M. B. **Psicologia social**. 3. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.

VIEIRA, J. M. de S. *et al.* Trauma psíquico em condições de vulnerabilidade dos serviços de esgotamento sanitário: o caso de uma favela em São José dos Campos-SP. **Revista de Gestão e Secretariado**, v. 15, n. 7, p. e4027, 2024a. DOI: 10.7769/gesec.v15i7.4027. Disponível em: <https://ojs.revistagesec.org.br/secretariado/article/view/4027>. Acesso em: 28 jan. 2025.

VIEIRA, J. M. de S. *et al.* Simbolismo e Fantasias Inconscientes Infantis em Melanie Klein: influência da precariedade do saneamento básico em favelas. **Contribuciones a las Ciencias Sociales**, v. 17, n. 10, p. e11353, 2024b. DOI: 10.55905/revconv.17n.10-095. Disponível em:

<https://ojs.revistacontribuciones.com/ojs/index.php/clcs/article/view/11353>. Acesso em: 28 jan. 2025.

VIEIRA, J. M. de S. *et al.* Contrastes urbanos no acesso aos serviços de esgotamento sanitário em aglomerados subnormais: o caso da Comunidade Lagoa Azul 2 em Jacareí-SP. **Revista Nacional de Gerenciamento de Cidades**, [S. l.], v. 12, n. 86, 2024c. DOI: [10.17271/23188472128620244848](https://doi.org/10.17271/23188472128620244848). Disponível em: https://publicacoes.amigosdanatureza.org.br/index.php/gerenciamento_de_cidades/article/view/4848. Acesso em: 13 fev. 2025.

VIEIRA, J. M. de S. *et al.* A complexa universalização dos serviços de esgotamento sanitário em favelas e comunidades urbanas: um estudo em São José dos Campos-SP. **Revista Verde Grande: Geografia e Interdisciplinaridade**, v. 6, n. 2, p. 627-654, 2024d. DOI: [10.46551/rvg2675239520242627654](https://doi.org/10.46551/rvg2675239520242627654). Disponível em: <https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/verdegrande/article/view/8055>. Acesso em: 12 dez. 2024.

VILLAÇA, F. **Reflexões sobre as cidades brasileiras**. São Paulo: Studio Nobel, 2012.

VILLANOVA, L. B.; TONIOLO, M. A.; PUGA, B. P. Planejamento urbano e regional para o enfrentamento das mudanças climáticas: estudo de caso na Região Metropolitana do Vale do Paraíba e Litoral Norte. **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional**, [S. l.], v. 20, n. 1, 2024. DOI: [10.54399/rbgdr.v20i1.7130](https://doi.org/10.54399/rbgdr.v20i1.7130). Disponível em: <https://www.rbgdr.net/revista/index.php/rbgdr/article/view/7130>. Acesso em: 19 fev. 2025.